

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

SABRINA MIKAELLE PEREIRA

TRAJADOS DAS GERAIS

Mariana
2023

SABRINA MIKAELLE PEREIRA

TRAJADOS DAS GERAIS

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Medrado

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P436t Pereira, Sabrina Mikaelle.
Trajados das Gerais. [manuscrito] / Sabrina Mikaelle Pereira. - 2023.
33 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Arthur Medrado Araujo.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Hip-hop (Cultura popular) - Mariana (MG). 2. Gravações de vídeo -
Mariana (MG). 3. Moda. 4. Televisão - Minisséries. 5. Mariana (MG). I.
Araujo, Arthur Medrado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070.4(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Sabrina Mikaelle Pereira
Trajados das Gerais

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 01 de setembro de 2023

Membros da banca

[Doutor] - Arthur Medrado Soares Araujo - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Doutora] - Lara Linhalis Guimarães - (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Doutor] - Cláudio Rodrigues Coração - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Arthur Medrado Soares Araujo, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/09/2023



Documento assinado eletronicamente por **Arthur Medrado Soares Araujo, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/09/2023, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0594296** e o código CRC **8AA7D580**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Maria Purcina, que apoiou as minhas escolhas, foi meu alicerce e ofereceu todo o suporte necessário para que os meus sonhos fossem realizados. Obrigada, vó/mãe!

A minha mãe de sangue, Maria Cristina, por acreditar no meu potencial e torcer tanto pelo meu crescimento.

Aos queridos Japa, Pedro Mol, Jordânia Marçal, Caio Kinte, Thaís Domingos, Matheus Santos e Bruno Willens por me ajudarem a fazer com que esse trabalho se tornasse uma realidade.

Ao professor Arthur Medrado pela delicadeza na orientação e por me incentivar a escrever este memorial em primeira pessoa.

Ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pela idealização do SISU em 2009, possibilitando que eu fosse a primeira pessoa da minha família a ingressar em uma Universidade Federal.

A toda a galera da cena do Hip-Hop de Mariana.

RESUMO

A série documental “Trajados das Gerais” investiga e analisa a potência comunicacional presente nos estilos pessoais e escolhas de moda dos frequentadores da Batalha das Gerais, que acontece em Mariana-MG, desde 2015. A partir de pesquisas e do ponto de vista dos entrevistados, o produto busca explorar as expressões culturais e artísticas, incluindo a moda como componente chave de seu discurso, além da música. O projeto pretende compreender como os frequentadores do movimento utilizam trajes, acessório e senso de estilo como meio de comunicação, autoestima e afirmação de identidade. O produto é composto por quatro episódios contendo 11 minutos de duração em cada um. Para este trabalho, me concentro em apresentar o episódio piloto. A ideia é produzir um um filme apresentando fatos, personagens, informações e ideias de forma documental sobre um dos eventos culturais mais importantes de Mariana-MG.

Palavras-chave: Batalha das Gerais; Série documental; Moda; Mariana.

ABSTRACT

The documentary series “Trajados das Gerais” investigates and analyzes the communicational power present in the personal styles and fashion choices of those attending Batalha das Gerais, which takes place in Mariana-MG, since 2015. Based on research and from the point of view of those desired, the product seeks to explore cultural and artistic expressions, including fashion as a key component of its discourse, in addition to music. The project intends to understand how the movement's goers use routes, accessories and a sense of style as a means of communication, self-esteem and identity affirmation. The product consists of four sessions each lasting 10 minutes. For this work, I focus on presenting the pilot episode. The idea is to produce a film presenting facts, characters, information and ideas in a documentary way about one of the most important cultural events in Mariana-MG.

Keywords: Batalha das Gerais; Documentary series; Fashion; Mariana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Três homens segurando duas jaquetas customizadas com artes de graffiti, no bairro Brooklin, em Nova York.

Figura 2: Homem de costas exibindo uma arte de grafite na jaqueta que ele mesmo customizou.

Figura 3: Três homens posando para a foto enquanto participam da Batalha das Gerais, que acontece em Mariana-MG.

Figura 4: Vários jovens reunidos com as mãos erguidas, posando para a foto, no encerramento da Batalha das Gerais, que acontece em Mariana-MG.

Figura 5: Um jovem de pé e uma moça sentada na escada participando de um ensaio acerca da moda periférica nas comunidade de São Paulo.

Figura 6: Nove homens reunidos para uma entrevista sobre a manifestação da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS	9
2.1. Objetivo Geral	9
2.2. Objetivos Específicos	9
3. A MODA E O MOVIMENTO HIP HOP	10
4. A BDG	12
5. OS ESTILOS NA BDG	14
5.1. Os trajes suspeitos	18
5.2. Moda e Comunicação	19
6. A SÉRIE DOCUMENTAL	21
6.1. Roteiro	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1. INTRODUÇÃO

A moda tem uma representatividade e um significado individual, isso se reflete em gostos, opiniões e até mesmo comportamentos. Dentro das Batalhas de Rap existe uma manifestação da moda que nasce nas periferias ultrapassando as barreiras do vestir e alcançando o lugar de manifestação da identidade. A pesquisadora Diana Crane, em seu livro “A Moda e Seu Papel Social - Classe, Gênero e Identidade Das Roupas” (2ª Ed. 2006) faz uma análise do contexto cultural e histórico dos séculos XIX e XX e examina cuidadosamente os papéis de gênero e a influência da moda como expressão e linguagem não-verbal. Ela nos diz: “as roupas desenvolvem comportamentos a partir da sua habilidade de determinar identidades sociais e possibilitar que as pessoas estabeleçam suas identidades sociais latentes.” (Crane, 2006, p.22). Por ser uma pessoa preta nascida em uma região periférica de Belo Horizonte, criei uma familiarização com as vestimentas predominantes no meu bairro. Lidando de perto com situações de preconceito e discriminação direcionadas aos moradores da região do Barreiro, bairro de Belo Horizonte, durante muito tempo busquei fugir de todas as composições que pudessem me relacionar com o local. Neste momento entendi a moda como uma ferramenta potente que me afastaria ou aproximaria do estereótipo de “favelada”.

Toda minha negação estava ligada diretamente a uma falta de autoestima advinda do racismo e do silenciamento que me atravessavam todos os dias. Foram muitos anos de mudanças constantes na aparência e no estilo até que eu me colocasse como uma mulher periférica, a partir do momento que entendi meu lugar na sociedade enquanto mulher preta, periférica e favelada, passei a reafirmá-lo. Nesse processo de mudança e descobertas, as vestimentas foram um instrumento essencial de construção da minha identidade. A teoria das subculturas, desenvolvida por Dick Hebdige em seu livro "Subcultura: O Significado do Estilo" (1979), explora como grupos marginalizados criam suas próprias identidades e sentimentos de pertencimento por meio de símbolos culturais e estilos visuais. A teoria é importante para entender como o movimento hip-hop desenvolveu seu próprio estilo distinto e como a moda desempenha um papel crucial na expressão dessa identidade. No final da minha adolescência passei a pesquisar por eventos que aconteciam no meu bairro e descobri a Faroeste, Batalha de Rap local. Surge então o meu primeiro encontro com a cultura de rua. Frequentando as rodas de rimas, me encontrei. Podendo entender o que apresenta Micael Herschmann (2000) em sua pesquisa “O Funk e o Hip-hop Invadem a Cena”, ao abordar o surgimento do hip hop e sua potência na criação de identidades alternativas. Para entender o papel do Rap na difusão do Hip-Hop no Brasil, me apoio no autor Marcos Bazeia, em sua

pesquisa "Hip hop brasileiro. Tribo urbana ou movimento social" (2007). Para abordar as nuances dos eventos de rua, trouxe algumas reflexões da autora Thálita Motta em sua pesquisa "O mais profundo é a festa: cartografias dos jogos performativos e da carnavalização em Belo Horizonte após a Praia da Estação" (2019).

O meu primeiro contato com a Batalha das Gerais (BDG) aconteceu em 2019, no meu segundo ano de graduação. Estava totalmente inserida em um ambiente republicano onde não me sentia representada. Todas as festas e eventos me pareciam iguais. Neste contexto, percebi que havia voltado para o mesmo lugar de baixa autoestima que já havia experienciado. Quando finalmente resolvi comparecer à Batalha das Gerais, que na época, aconteceu na Praça Gomes Freire (Jardim), em Mariana, me deparei com inúmeras pessoas racializadas reunidas em volta dos rimadores, até que a primeira rinha de MC 's foi iniciada. Nesse momento a energia foi contagiante, mesmo com inúmeras acontecimentos em volta, as atenções estavam voltadas para dois rappers pretos, com roupas largas, microfones nas mãos e sangue nos olhos. Era a manifestação da cultura preta e periférica em uma cidade histórica tomada por religiosidade, racismo e colonialidade. Neste momento, senti uma reconexão com quem eu era e com as pessoas que queria estar. Foi impressionante me deparar com figuras interessantes, inteligentes e bem vestidas reunidas por um interesse coletivo. Enquanto a batalha acontecia, avistei Giovana, uma jovem de aproximadamente 20 anos, que vestia um conjunto amarelo com várias pedrarias, produzido por ela mesma. Ao meu ver, o look mais lindo da noite. Passei a observar minuciosamente como as pessoas estavam vestidas naquele encontro, e percebi que a moda se fazia tão presente naquele espaço quanto a música.

As análises e discussões que foram feitas ao longo do processo metodológico me permitiram chegar a alguns resultados e a possíveis conclusões e considerações futuras. Dito isso, entendi que a moda é um instrumento de reafirmação da identidade, seja individualmente ou ligada a determinados grupos sociais. A partir dessa perspectiva, a série documental "Trajados das Gerais" visa refletir sobre como frequentadores da Batalha das Gerais (BDG) de Mariana entendem a moda e se comunicam através da escolha de suas peças. A ideia inicial consiste na produção de um episódio piloto denominado "Autoestima", tendo em vistas que essa pequena palavra carregada de significado, esteve presente ao longo de toda a produção do episódio.

Durante a realização do trabalho pretendi, a partir de pesquisas científicas que tratam da moda e da cultura hip hop, e de relatos pessoais dos personagens entrevistados, explorar parte do universo da BGD. Nesse contexto, a monografia "Batalha das Gerais: a importância e o direito à ocupação dos espaços sociais em Mariana", de Fernando Alberto Silva (Japa), pelo

curso de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, trazer uma análise do movimento cultural para compreender e articular o significado e o direito de ocupar espaços sociais de projeção, visibilidade e reconhecimento. O autor realizou um processo de observação e imersão do movimento cultural a partir dos fundamentos da pesquisa autoetnográfica para constatar e documentar a significação dessa manifestação nas esferas culturais e sociais nos espaços públicos de Mariana. O trabalho funciona como uma importante ferramenta para entender o que é a Batalha das Gerais e sua importância enquanto movimento de ocupação. A pesquisa “Periféricas maneiras de vestir: a juventude negra de periferia na construção de uma moda engajada”, de Angela Oliveira(2021), reúne recursos para compreender como a moda periférica passou a ser vista como uma tendência relevante e inovadora. A pesquisa contextualiza a diáspora negra e o surgimento das periferias no Brasil, particularmente em São Paulo, a fim de compreender suas forças, ainda que seu objetivo principal seja demonstrar como se desenvolveu a estética negra e periférica.

Pierre Bourdieu apresenta a ideia de "distinção" e como escolhas estéticas, como a moda, são usadas para distinguir grupos sociais e afirmar o capital simbólico de cada grupo. Em seu livro de 1979, "Uma distinção: crítica Social do Julgamento", a moda pode ser vista como um símbolo. Escolhi o modelo de série documental participativa, uma vez que a moda é um elemento completamente visual. O estilo não se manifesta unicamente nas roupas, mas também nos gestos simbólicos, expressões e olhares. A pesquisa “O processo de construção de personagens em documentários de entrevista”, de Alfredo Dias, aponta caminhos para entender a relação entre o cineasta e a(s) pessoa(s) entrevistada(s) em documentários como “Edifício Master” de Eduardo Coutinho e “Nelson Freire” de João Moreira Salles mediante uma discussão sobre o processo de entrevista. Ao documentar o evento em vídeo, pretendo direcionar os olhares do público a todas as potencialidades de estilo e inovação presentes no encontro.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Apresentar a Batalha das Gerais através de uma série documental, mostrando como os/as jovens presentes no evento constroem sua própria moda e se comunicam através dela de acordo com os seus recursos, por meio das referências da cultura de rua.

2.2. Objetivos Específicos

- Perceber a relação dos entrevistados com a moda;
- Compreender o contexto social em que o evento está inserido e a importância de sua realização, através de um olhar crítico;
- Entender o potencial do indumentária enquanto ferramenta de elevação da autoestima, a partir do contexto social em que os indivíduos estão inseridos.

3. A MODA E O MOVIMENTO HIP HOP

Nos Estados Unidos, a população negra enfrentava um cotidiano violento ocasionado pela separação do governo e a falta de políticas públicas para a população local. A Era Progressista do século XX trouxe as leis de Jim Crow, que permaneceram em vigor até meados de 1965 e promoveram a divisão social entre pessoas de cor e pessoas brancas em espaços públicos como escolas, transporte coletivo, banheiros e a proibição de voto até 1965. O movimento hip-hop tem uma história que remonta ao seu início em 1970 na cidade de Nova York. A música, a dança, a arte e a moda foram incorporadas e desenvolvidas como formas de expressão cultural para pessoas pretas moradoras de bairros periféricos. Rap, Discotecagem, Break Dance e Graffiti são os quatro pilares deste movimento cultural que teve um impacto revolucionário no mundo. Poesia (Rap com MCs e DJs), dança (Break) e arte gráfica (Grafite) são os elementos da cultura de rua.

Em sua pesquisa "O Funk e o Hip-hop Invadem a Cena" (2000), Michael Herschmann afirma que o Hip-Hop tornou-se um instrumento poderoso, permitindo a criação de identidades alternativas para aquela geração em um momento em que as localidades mais antigas estavam se tornando ultrapassadas. Essas comunidades começaram a expressar sua identidade por meio das roupas. Os indivíduos se vestiam de forma distinta, expressando suas origens e experiências pessoais através das roupas que usavam. O estilo trazia elementos de culturas locais, como o Rap e Graffiti. Em seu livro "Subcultura: O Significado do Estilo" (1979), Dick Hebdige afirma que as subculturas frequentemente apropriam e reinterpretam os símbolos e objetos da cultura dominante, formando outros significados. Isso é um método para desafiar a cultura dominante e criar uma cena diferente para a comunidade. O produto trata de algumas dessas ressignificações, levando em consideração a questão financeira e a criatividade de quem consegue criar composições inovadoras com pouco recurso financeiro.

As influências socioculturais dos anos 70 foram enraizadas no hip-hop e, neste período, os bairros urbanos de Nova York foram utilizados para estabelecer as bases do movimento. Mesmo que a moda hip-hop fosse um pouco nova nos anos 70, algumas tendências começaram a surgir e entre elas estavam as Roupas de Corrida: roupas de treino e roupas esportivas. O uso de tênis coloridos, geralmente da Nike, Adidas ou Puma, era uma característica do estilo. Jaquetas universitárias, esportivas com letras de escola, logotipos de times ou detalhes vistosos eram comuns. Os Jogos Universitários, que tinham letras

representando uma instituição acadêmica, também eram populares. Os jovens também escolhiam calças largas

Imagem 1: Três homens segurando duas jaquetas customizadas com artes de graffiti, no bairro Brooklin, em Nova York.



Fonte: <https://jacobin.com.br/2021/01/a-trilha-sonora-de-nossa-era-de-decadencia>

Hebdige descreve em sua pesquisa a prática de "bricolagem" cultural, que os jovens pegam elementos da cultura dominante e os reconfiguram de forma única. A roupa, os acessórios, os símbolos e os estilos que foram usados no passado podem ter sido reinterpretados e transformados para criar uma expressão distinta da identidade do grupo. Nos anos 80, o Hip-Hop finalmente chegou ao Brasil. Marcos Bazeia (2007) disserta sobre o importante papel do Rap na difusão do Hip-Hop no Brasil, tanto pelo conteúdo das letras, que dão sentido à sua causa, como pelo impulso modista que provocou. Segundo o autor, a cultura hip hop se difunde e fortalece por meio do Rap, que no Brasil, tem o grupo Racionais MC's como pioneiro do estilo, já que existiam outros grupos e rappers. O Rap agora faz parte da música brasileira, superando os preconceitos todos os dias. Apesar da introdução de novos subgêneros, o movimento manteve seu objetivo original de denunciar as injustiças que afetam principalmente as pessoas pobres que vivem nas periferias. As Batalhas de Rima fazem parte de uma manifestação cultural dentro do movimento Hip-Hop. Ao longo dos encontros, jovens ocupam as ruas e locais públicos, em busca de lazer e cultura. Esses encontros acontecem de forma gratuita. Em geral, as batalhas são organizadas por jovens e adultos, moradores das regiões periféricas, distritos e cidades vizinhas.

4. A BDG

“Hoje ainda nos é permitido dançar e suar pelas ruas, nossa história recente nos mostra que nem sempre foi assim”
(Motta , 2019, p .63).

A BDG cria oportunidades, junta culturas e pessoas. A ideia surgiu em 2015, quando Camila, Fernando Alberto (Japa), Gustavo (Djonga), Jordânia Maciel (Jô), Pedro Mol (Rith Braza) e Thamira Bastos iniciaram o movimento entre amigos, contando apenas com uma divulgação no Facebook, mas que em pouco tempo viu sua proposta se expandir de forma rápida, reunindo uma grande quantidade de pessoas, carregando o lema: “Mariana veio ao mundo com tragédia, nós, com arte”. Além de ser um espaço de rimas e gritos contra o sistema, a BDG também é um espaço de comunicação através da moda. Até o ano de 2018, as batalhas aconteciam quinzenalmente, mas foram interrompidas por falta de apoio da Prefeitura Municipal de Mariana. O auxílio do município sempre foi fundamental para que o evento ocorresse. Os encontros só voltaram a acontecer de maneira efetiva em 2023, quando as autoridades locais passaram a apoiar o movimento novamente. Em sua pesquisa “Batalha das Gerais: a importância e o direito à ocupação dos espaços sociais em Mariana” (2023), Japa¹ relata que a experiência com o uso dos espaços sociais de lazer na cidade, a partir da vivência com a BDG e as ocupações desses locais "não destinados" à cultura periférica, o desafiam a refletir sobre os espaços físicos de uma cidade como berços de interações sociais muito importantes para a formação e composição social urbana. Segundo o autor, mesmo que à primeira vista as calçadas pareçam apenas uma via de passagem, elas permitem que as interações aconteçam e encurtam a proximidade entre os moradores. “As calçadas são um berço para socialização, mesmo que à primeira vista representem somente uma via de passagem, elas permitem que as interações aconteçam e encurtam a proximidade entre a vizinhança” (Alberto, 2023, p.26).

25 de maio de 2023, a Batalha da Gerais está de volta! Esse era o assunto do dia. Naquela noite de sexta-feira, cheguei bem cedo no local do evento para organizar meus materiais de filmagem, sem saber que a Praça Minas Gerais ficaria lotada em questão de minutos. Pela movimentação e montagem de equipamentos de som, todos já sabiam que aquela noite seria atípica. Os sinos da igreja badalaram e a missa acabou, era o momento de começar. Passei a observar as variedades de estilos, cores, cortes de cabelo e tatuagens enquanto os duelos aconteciam. A ideia de captar imagens de quem mais me chamasse a

¹ Fernando Alberto Silva

atenção caiu por terra, porque tudo era cativante, os olhares, as roupas e as vibrações. Nesse momento me vi sem saber por onde começar. Muitas coisas acontecendo rapidamente, sem tempo para grandes elaborações, o que me fez pensar que a Batalha reflete a realidade de quem está no “correr” a vida inteira. O que eu podia captar eram alguns recortes daquele momento único. E foi o que busquei trazer no episódio. Japa, retrata a BDG como um grande momento de conexão, onde todos se observam e são observados. Japa, descreve toda essa interação simultânea e sua pesquisa:

Dá pra perceber nas pessoas, como cada uma está ali para, além de ser apenas espectador/espectadora quanto a todo o movimento, que fazem parte dele. Não é apenas ouvir uma rima ou participar de um momento de lazer, é estar presente na chamada do mestre de cerimônia, vibrar junto quando cada MC solta uma boa rima, e na conexão com o DJ quando toca um beat – instrumental – que surpreende a todos. Em meio aos olhares apreensivos e os diversos sorrisos despreziosos, é dada vida a um movimento nunca antes tido na cidade de Mariana, a Batalha das Gerais. (Silva, 2023,p.26)

Se Japa afirma que em Mariana esse movimento ainda não tinha sido visto, Thálita Motta, em sua pesquisa “O mais profundo é a festa: cartografias dos jogos performativos e da carnavalização em Belo Horizonte após a Praia da Estação” (2019), nos diz que as noções de liberdade que estão implícitas na experiência de celebrar eventos fora das linhas e definem o que é hegemônico não são novas, especialmente quando tempos de recessão ou repressão, servindo como válvulas de escape e mantê-lo vivo. A autora afirma que quando estamos todos juntos, alguma alegria é sentida no corpo, alguma partilha do momento e o presente confirma a capacidade de sobreviver em outros prazos. É interessante perceber como o produto conseguiu evidenciar essa felicidade existente na BDG, através de sorrisos que se abriam a cada verso trocado, ao encontrar um rosto conhecido, ao ouvir um beat muito bom ou simplesmente estar presente naquele lugar e naquele momento.

5. OS ESTILOS NA BDG

A BDG é composta por inúmeros estilos e diferentes manifestações da moda. Os jovens frequentam o local não somente para assistir as manifestações de arte, mas também para serem vistos como parte desse movimento artístico. Por esse motivo, todos os detalhes são importantes. Roupas, acessórios, calçados entre outros elementos visuais são pensados com cautela e utilizados para comunicar a identidade de cada indivíduo. Na pesquisa “Periféricas maneiras de vestir: a juventude negra de periferia na construção de uma moda engajada” (2021), Angela Oliveira relata que as estéticas das quebradas hoje são, portanto, formas híbridas devido à diversidade de influências de seus diferentes públicos, e principalmente de base cultural negra devido ao longo contato com essa população. “O hip-hop, o funk, o rap, são algumas referências negras que se tornaram também periféricas” (2021, p.25). Essas “estéticas da quebrada”, ou esses “estilos de cria”, estão muito presentes na Batalha. Ao observar o público presente no evento, percebi que por mais variadas que fossem as peças de roupa, a grande maioria possuía uma referência da moda Hip-Hop dos anos 70, retratadas no capítulo 3.

Imagem 2: Homem de costas exibindo uma arte de grafite na jaqueta que ele mesmo customizou.



Fonte: Sabrina Pereira

Um exemplo do hip-hop como tendência pode ser observado na matéria “O hip hop e a

moda 21”, do site modaspot.abril.com.br, da Rede Abril. Na matéria em questão, de agosto de 2012, o estilo hip-hop de se vestir aparece como sendo a “tendência da vez” no mundo *fashion*, ressaltando que os *top cropped* (blusas bem curtinhas que deixam a barriga à mostra) e as jaquetas *college* (estilo uniforme de colégio), em alta na moda atual, são referências ao estilo hip-hop original de se vestir. Além desses elementos, a matéria enumera outros tantos itens originados da cultura hip-hop e compõem hoje a *wish list* de qualquer fashionista atenta nas tendências mundiais: a overdose de jeans, coletes, jaquetas, bonés de aba reta os famosos *sneakers* de salto, grande febre calçadista no ano de 2012.

Imagem 3: Três homens posando para a foto enquanto participam da Batalha das Gerais, que acontece em Mariana-MG.



Fonte: Sabrina Pereira

O reconhecimento das gírias utilizadas pelos integrantes do movimento hip-hop é uma questão importante a ser abordada. Dentre as várias, as que mais chamaram a atenção foram as relacionadas à vestimenta: roupa é chamada de pano; boné é bombeta; camiseta é peita; e tênis é pisante. “Cria” é uma gíria bastante comum, principalmente entre os jovens, para definir um lugar de onde uma pessoa é. A palavra se popularizou através de músicas dos gêneros rap e funk, e se difundiu através das redes sociais. Em Minas Gerais, costuma ser usada para se referir ao bairro onde a pessoa nasceu. Um dos termos mais comuns e que ajudou a gíria a se popularizar foi "cria de favela". Ela é utilizada pelas pessoas que nasceram, cresceram e vivem nas periferias, conhecendo a todos do lugar. Já no Rio de Janeiro, pode significar também algo como "parceiro", ou "amigo de infância". Geralmente formado por camisas de times de futebol, bermudas e tênis esportivos, esse estilo cria identificações formando tribos e laços de amizade no momento em que um jovem se reconhece no outro

através das vestimentas. Os cabelos coloridos, as correntes grandes, os brincos e os óculos no modelo Juliet, também são essenciais para a composição desse estilo e não podem ficar de fora. Outro estilo presente na batalha é o ‘*Street Urban*’ ou “Estilo de Rua”, que surgiu com o intuito de representar a essência urbana e cultural de cada comunidade ou tribo ao redor do mundo, através de roupas e acessórios. O “*Street Urban*” é composto por tênis nos modelos *Nike*, *Air Jordan*, *Adidas*, entre outros. Os adeptos também costumam utilizar bonés, jóias brilhantes, calças e camisas largas. A diversidade de penteados, cortes de cabelos, tatuagens e piercings são um evento à parte e auxiliam na construção da identidade de cada participante. Ao longo da pesquisa de campo, percebi uma ideia contra-hegemônica da moda adotada pelos jovens. À primeira vista, pareceria inconcebível o consumo de tênis de marcas caras, como *Nike* e *Adidas*. Porém, foi possível perceber que essa relação entre as marcas e os adeptos do Hip-Hop não se limita à realidade norte-americana e que um número grande de brasileiros também adota essas marcas como parte de seu estilo diário.

Imagem 4: Vários jovens reunidos com as mãos erguidas, posando para a foto, no encerramento da Batalha das Gerais, que acontece em Mariana-MG.



Fonte: Sabrina Pereira

O mais importante para a galera da Batalha não é estar por dentro de todas as tendências de moda e utilizar panos caríssimos. Ao longo das entrevistas realizadas, notei que o objetivo principal é transmitir a estética do Hip-Hop e tudo o que ele representa. Para Thalita Motta (2019), é por isso que a moda da juventude negra da periferia é uma conquista, porque assim como toda a cultura de periferia, conseguiu manter as influências negras e o

orgulho de ser periférico, apesar de uma história que buscou apagar o rastro da identidade negra e que hoje tenta esconder os traços da cultura das classes populares. A cultura popular e a sociedade em geral são fortemente influenciadas pela moda Hip-Hop. Ao participar dessa influência, as pessoas podem se sentir parte de algo maior. Quando as pessoas percebem que podem ter um papel na determinação das tendências e da cultura modernas e podem utilizar a estética como ferramenta de identidade e beleza, tendem a desenvolver mais confiança em si mesmas. Em resumo, um evento como a BDG permite que as pessoas expressem sua verdade, desafiem estereótipos, se conectem à cultura e se sintam empoderadas, ajudando a reafirmar suas escolhas pessoais e a construir uma autoestima. Os indivíduos podem se destacar, ser criativos e abraçar quem são de maneira confiante usando suas próprias roupas e estilo. Pensando em uma maneira diferente de retratar a moda na BDG, pedi para que meu amigo, e também rimador, Caio Kinte, criasse um verso que expressasse a manifestação da moda na BDG e suas nuances. A partir desse pedido, ele me enviou os seguintes versos:

*Na rua virando a esquina
cuidado com os pig cê pode trombar*

*Identidade coloca no bolso
deixa a mão livre pra não suspeitar
Jaco aberto e sorriso fechado
Hoje nós vamos pra praça rimar*

*Cordão de prata vem pra refletir
A identidade que fica escondida
Calça bem larga e tênis da adidas
Black armado só pra combinar*

*Hoje eu só quero proteção pros meus
Beat na caixa e batalha de rima
Pego no mic e esqueço de tudo
Hoje eu só quero levar a folhinha*

*Olha que linda a trança da Sabrina
Olha o talento na voz da Samila
Lok, dançando vai impressionar
Isso se chama batalha de rima*

*Subo pra casa, vielas e gueto
volto sorrindo, volto satisfeito
Só mais um dia a cultura venceu
E mais um dia eu sai ileso*

*Identidade guardada no bolso
Identidade reflete na prata
Identidade reflete no rosto
Dia comum no rolê de quebrada*

Para Ângela Bastos (2021), o orgulho de ser preto foi a base para o orgulho de ser

periférico. Assim, a identidade periférica é uma posição política, em que se sentir periférico é motivo de orgulho e resistência. Todo esse orgulho se expressa através de rimas, grafites, dança (como Kinte citou em seu verso) e também através da moda e todas as suas possibilidades de composição. Bastos, afirma que a cultura preta teve um impacto na forma como as pessoas que vivem nas periferias das cidades desenvolveram suas identidades:

A cultura negra se tornou engajada para mostrar sua história e colocar sua existência no mundo, ela se mostra resistente apesar das mazelas sociais em que estão expostas. No Brasil, ela influenciou a construção das identidades dos moradores das periferias urbanas, sendo sua base fundadora. Até porque, nas periferias, a maior parte da população é composta por negros vítimas da marginalização social que se deu desde a escravidão. (Bastos, 2021, p.25)

Após a instigante fase em campo, através de pesquisa exploratória, de entrevistas informais e de imagens compiladas, consegui perceber uma série de questões que as pesquisas bibliográfica e documental introduziram. Assim, o diário de campo se junta aos momentos anteriores da pesquisa e servem como base para o entendimento das manifestações da moda na Batalha das Gerais.

5.1. Os trajés suspeitos

De acordo com o artigo 5º, inciso LVII, da Constituição Federal, “ninguém pode ser considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória”. Com base no artigo, qualquer pessoa que sofra a acusação do cometimento de um crime será considerada inocente, até que se prove o contrário. Dessa forma, antes da sentença condenatória, todos são inocentes perante a lei. Portanto, o agente da polícia não deve criar um juízo de valor que resulte na condenação de pessoas apenas por possuir suspeita em relação ao seu comportamento, partindo do ponto de vista que todas possuem direito à presunção de inocência. Nesse sentido, existe um problema em definir a expressão “fundada suspeita”, um elemento bastante utilizado para justificar a abordagem policial, levando em consideração que o termo é composto por subjetividade.

No contexto da BDG, os trajés de rua e o “Estilo de Cria” em muitas situações motivam a abordagem da Polícia Militar e da Guarda Municipal da cidade. O evento como um todo reúne um público composto majoritariamente por pessoas pretas, advindas de bairros periféricos, e a expressão do estilo acontece com o intuito de comunicar de forma simbólica quem são esses indivíduos e de onde eles vêm. A identidade que se expressa através da roupa não deveria ser um motivo de suspeita e discriminação, mas em muitos encontros, os

participantes ficam apreensivos com a presença da Polícia Militar, prevendo uma abordagem que em muitas situações tem como base a identidade visual dos envolvidos no evento.

O cantor belo-horizontino Djonga, (um dos fundadores da BDG) traz em um dos versos da música “Bença” a seguinte indagação:

*Ouvindo desde novo: Cê já é preto.
Num sai desse jeito, se não eles te olha torto*

Esse trecho ressalta a apreensão das mães de jovens pretos advindos de periferias em relação às abordagens policiais, demonstrando que os jovens crescem sendo preparados para lidar com situações de discriminação pela cor da pele e por suas vestimentas. O rapper Yago Oproprio, também fala sobre a influência das vestimentas em relação às abordagens policiais. Na música Tocaia, ele diz:

*De moletom, bombeta preta com bermuda
Chinelin de dedo desbravando na madrugada
Louco de ideia bruta, suspeitando a conduta
Vai me aplicar a multa, deixar eu te cumprimentar*

Essas violências veladas direcionadas a pessoas pretas e ao estilo periférico aparecem em diversas letras de Rap. Ademais, a letra nos leva a pensar na moda como um objeto que comunica de dentro para fora. Além dos trajes conversarem de maneira não-verbal com quem está dentro da BDG, também existe uma comunicação com o público que não está necessariamente participando do evento, mas observando de fora e fazendo leituras de acordo com suas ideias e juízos de valor. Essas trocas acontecem através de olhares que acompanham os participantes, alguns reprovando a movimentação e outros, com interesse, presos nos versos e atentos a reação do público.

5.2. Moda e Comunicação

Em um contexto social marginalizado, a moda pode ser vista como um objeto que identifica determinados grupos e comportamentos. O hip-hop é um poderoso objeto de comunicação. Em diferentes localidades, certos grupos utilizam o Rap como um instrumento de comunicação, ressaltando seus próprios idiomas e interesses, e em muitas ocasiões alcançam novos públicos através da poesia. As histórias de vida e motivações dos artistas são variadas, embora tenham em comum a tendência de consolidar o poder do hip-hop. Crane descreve possíveis códigos transmitidos através das roupas:

Há uma série de códigos que são transmitidos através das roupas, códigos usados para se diferenciar, indicar pertencimento a um grupo, indicar sexo, idade, classe social, ocupação, dentre outros. “O vestuário constitui uma indicação de como as pessoas em diferentes épocas, vêem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras do *status*. (CRANE, 2006, p. 21)

É necessário fazer uma união entre autores que tratam de relações existentes entre música e moda, com a intenção de pensar sobre o potencial comunicativo desses pesquisadores, partindo de uma aproximação do objeto de estudo com teorias que entendem a moda como comunicação. É importante retratar a música e a moda como produtos de consumo simbólico e não apenas para consumo material, que perde seus significados no ato da compra. Um exemplo prático é a música “Estilo” da dupla Hot e Oreia, que trata o estímulo como algo simbólico nos versos:

*“Pessoas normais mentem pra você
A roupa nem é de marca, é que pra nós não dá nada
Tô me sentindo bem, estilo não se compra, se tem, saca?”.*

A série documental buscará entender a moda e a música na categoria de produtos culturais, acreditando que o ato de consumir determinado tipo de música ou peça de vestuário vai além do simples consumo material, tendo em vista que há uma série de influências sociais e culturais que fazem com que se escolha entre, por exemplo, escutar rock e não sertanejo, ou a calçar tênis *All star* em vez de sapatos *scarpin*. É por entendermos o quão significativo é o momento dessas escolhas que busquei refletir a respeito do papel que as motivações e significações reunidas no ato de adotar de um ritmo musical ou de um estilo de vestir podem acarretar no processo de socialização e de formação de identidades pessoais e coletivas.

6. A SÉRIE DOCUMENTAL

A ideia de produzir uma série surgiu a partir de uma conversa com uma amiga, em uma tarde movimentada, no estacionamento do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto (ICSA). Durante a nossa troca, falamos sobre nossas identificações e interesses em comum, que posteriormente poderiam ser nossos objetos de pesquisa. A partir deste momento, pensei em várias maneiras de falar sobre moda e no final da conversa chegamos à conclusão que a melhor forma de retratar a moda seria através de um documentário. Antes do nosso encontro, minha ideia inicial seria a de escrever uma monografia que analisaria a importância da moda na série "Pose" mas, durante a conversa, percebi que mais do que falar sobre um produto audiovisual, gostaria de produzir. O audiovisual sempre me atraiu de diversas maneiras, ao longo da graduação, produzi trabalhos neste formato nas disciplinas de Telejornalismo e Laboratório Integrado I (Lampião) que me instigaram a continuar neste caminho.

Optei por produzir uma série, entendendo que existem inúmeros caminhos para falar sobre a moda na BDG, tendo em vista que o local é um epicentro cultural, onde várias coisas acontecem simultaneamente. Seria inviável retratar todos os elementos que envolvem essa grande manifestação da cultura e da moda em um curto período de tempo. Com isso, entendi que seria interessante apresentar apenas o episódio piloto neste primeiro momento e seguir com as gravações dos outros episódios com mais calma a partir dos resultados do primeiro episódio.

Para produzir a série, decidi buscar um modelo que melhor retratasse a BDG e, com isso, optei pelo modelo participativo. A representação de um objeto através de uma política de encontro é predominante em um documentário participativo. Nesse contexto, o problema ético também é apresentado: um possui o poder da representação e outro não. "Os tipos e graus de alteração ajudam a definir variações dentro do modo participativo do documentário" (Nichols, 2001, p. 153). Nesse tipo de documentário o cineasta assume uma postura mais presente na construção da narrativa do documentário, seja realizando as entrevistas e conversando com o seu "tema" ou mesmo sendo filmado e fazendo a locução do filme.

A definição de “documentário” é sempre relativa ou comparativa. Assim como amor adquire significado em comparação com indiferença ou ódio, e cultura adquire significado quando contrastada com barbárie ou caos, o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda. Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2001, p.153)

Um exemplo é o documentário da KondZilla, “Vivência011- Cotidiano e Modas Periféricas” (Wesley Xavier, 2022, 30’), foca na relação entre moda de quebrada e mercado. A produção traz relatos sobre a estética e o comportamento da juventude periférica de modo totalmente participativo. Nela, Wesley aparece em frente às câmeras conversando com seus entrevistados. Em uma entrevista para o Portal Kondzilla, o diretor afirmou que toda a construção de imagem foi pensada para contrariar a visão que se tem sobre a favela. Quando se discute a periferia, assuntos como preconceito e marginalização são comuns, e mostrar a beleza presente nas comunidades é essencial.

Imagem 5: Um jovem de pé e uma moça sentada na escada participando de um ensaio acerca da moda periférica nas comunidade de São Paulo.



Fonte: Wesley Xavier (@ogumdoce)

Outro exemplo de documentário participativo é a produção “BH tem Hip-Hop” (Mauticio PC, 2008, 98’), que revela um momento histórico para os jovens da cidade de Belo Horizonte, o movimento Hip-Hop e as sensações associadas ao surgimento. Os residentes das periferias em todo o mundo estão preocupados com o desejo de reivindicar liberdades futuras. O objetivo é mostrar o quanto os amantes do movimento querem a autonomia e a independência de suas ideias.

Imagem 6: Nove homens reunidos para uma entrevista sobre a manifestação da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=q0M5-SGeWXs>

Bourdieu (1979) apresenta conceito de "distinção" se baseando na ideia de que as pessoas criam e expressam sua identidade social por meio do consumo cultural, como a escolha de roupas, música, arte, literatura, entre outras coisas. Mas fatores sociais, econômicos e culturais influenciam essas escolhas. Segundo Bourdieu, o consumo cultural está profundamente arraigado nas estruturas sociais e não é apenas uma questão de preferência pessoal. As pessoas procuram consumir bens culturais que correspondem aos valores e gostos associados às posições sociais que desejam assumir no contexto da "distinção". Isso pode levar a diferentes "estilos de vida" que estão relacionados a diferentes grupos ou classes sociais. Nesse sentido, a série tem como público alvo pessoas que se identificam com o movimento hip-hop e o estilo de rua.

6.1. Roteiro

Nome dos componentes da equipe e funções:
O episódio piloto da série documental contou apenas comigo na roteirização, captação de imagens, captação de áudio, escolha de trilha sonora e traços estéticos.
Título do Projeto:
“Trajados das Gerais”.
Duração aproximada:
11 min.
Questões a serem respondidas:
<ul style="list-style-type: none"> • É possível se comunicar através da moda na Batalha das Gerais? • Como o sujeito se relaciona com a moda? • Quais as estratégias que pessoas que não têm acesso à moda, a utilizam para construírem seu estilo? • Qual o estilo mais presente na Batalha das Gerais?
Hipóteses: (possíveis respostas a serem encontradas)
<p>A comunicação sempre existiu na vida das pessoas, seja ela verbal ou não verbal, e se encontra disponível aos nossos sentidos e materializada em objetos e práticas que podemos ver, ouvir e tocar. Tudo comunica algo a alguém e a moda faz parte disto.</p> <p>O vestuário é constantemente acionado pelo novo, invade todas as esferas e envolve as camadas sociais. A moda é um fenômeno comunicacional que situa uma identidade social ao indivíduo, operando como uma forma de expressão que o identifica como membro de uma determinada época, de um certo grupo social ou de uma profissão. Com este trabalho, será possível destacar a “Batalha das Gerais” como um movimento de valorização e expressão da moda.</p>
Aponte que tipo de material encontrou nas sondagens iniciais:
<p>CRANE, Diana. A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas.</p> <p>LIPOVETSKY, G. O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.</p> <p>JOFFILY, R. O jornalismo e a produção de moda. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.</p> <p>Material da internet:</p>
Ancestralidade e autoestima: os traços de negritude na moda periférica:

<https://www.youtube.com/watch?v=DQssKWhwbIA>

Moda e a valorização da identidade periférica | Papo na Laje:

<https://www.youtube.com/watch?v=cVsJZX7cfzg>

Favela em nome do Brasil e do brasileiro(documentário moda periférica):

<https://www.youtube.com/watch?v=QNklRj1p0dQ>

Levantamento prévio de fontes: (nome dos personagens com breve perfil, contribuição no produto e contatos)

Caio Duarte: Rapper e estudante de jornalismo.

Contato: 31 31 9213-5787 | @caioките

Jordânia Marçal: DJ , Gerente de projetos na empresa A Quadrilha e Mestre em história.

Contato: @jormacal_

Fernando Alberto Silva (Japa): DJ e jornalista.

Contato: (31) 985939423 | @djahpa

Pedro Mol - Rapper, jornalista e estudante de música, natural de Mariana-MG, fundador da BDG.

Contato: 31 8804-6064 | @richbraza

Descrição de condições de captação de som e imagem:

Utilizei uma câmera fotográfica, um tripé, um microfone lapela e um material de iluminação (duas leds de mesa e um ring light). Para a entrevista com a Jordânia precisei improvisar, devido à agenda corrida da entrevistada. Gravei a entrevista da Jô com o Iphone 8 do meu amigo Pedro Mol.

Modo/estilo escolhido para contar a história:

A história será contada através de pesquisa a respeito da história da BDG, utilizando o modo de documentário participativo, por meio de entrevistas com as fontes que possuem envolvimento com o evento, além das imagens captadas durante o evento. Dentre os entrevistados, busquei pessoas que possuem estilos diversos, alternativos e que quebram com as normas de vestuário comuns, eles contaram suas experiências com a moda e a construção de suas identidades. Foram utilizadas imagens de arquivo e também imagens produzidas pela equipe, efeitos sonoros, retirados de banco de dados, vídeos da batalha e captações durante o evento.

Lista de referências estéticas para realização do filme: (filmes, materiais audiovisuais, mídia sonora, peças de teatro e todo tipo de obra de arte)

POSE - Seriado de TV:

<https://www.starplus.com/pt-br/series/pose/1ARtTsGv1oCS>

Lançada em junho de 2018, "*Pose*" se destacou como produto audiovisual. A série provoca uma imersão dentro da cultura *Ballroom*, onde os principais personagens são artistas que competem por troféus e reconhecimento nos famosos bailes que agitavam a cidade de Nova Iorque. Mostrando como eram os eventos chamados *Balls*, que surgiram devido à necessidade da existência de um local voltado para o encontro da expressão artística, sendo assim um ponto de encontro entre música, dança e moda.

BH tem Hip-Hop

<https://www.youtube.com/watch?v=q0M5-SGeWXs>

O documentário, produzido por Mauricio PC, fala sobre um momento histórico para os jovens da cidade de Belo Horizonte, o movimento Hip-Hop e as sensações associadas ao surgimento.

VIVÊNCIA011 - Cotidiano e Modas periféricas:

<https://www.youtube.com/watch?v=Bmt8dsYW-VQ>

O documentário "Vivência 011", dirigido por Wesley Xavier, traz as potencialidades da periferia em relação à moda, desestigmatiza a periferia dos estereótipos de violência e traz outras visões, falando sobre moda, gênero, cotidiano periférico e o acesso ao mercado da moda dentro da comunidade.

Um Maluco no pedaço - Seriado de TV:

<https://www.hbomax.com/br/pt/series/urn:hbo:series:GXdLWQgqPHKXCPOEAAAxk>

Em 10 de setembro de 1990, "Um Maluco no Pedaço" lançou seu primeiro episódio na NBC e nós rapidamente colidimos com uma família rica cuja vida é abalada quando um membro distante, interpretado pelo ator Will Smith, chega em casa. E com isso a família nunca mais é a mesma. E com a chegada do personagem de Smith, vem um monte de novas roupas e tendências de moda que a televisão não tinha visto antes.

Hot e Oreia - Estilo: <https://www.youtube.com/watch?v=wjIKQsxujvE>

Essa música me inspira há um certo tempo e tem um trecho que fala: “estilo não se compra, se tem”, e é exatamente sobre isso que se trata esse documentário, moda e dinheiro, ou a falta dele, no caso.

Sinopse ou Argumento: (um parágrafo de descrição com tema e angulação)

A Série documental traz a reflexão dos saberes ligados à construção sociocultural dos indivíduos frequentadores da BDG. Proporcionando conhecer as vivências, contexto social, motivações e identidade dos participantes. O projeto busca retratar as vivências dos entrevistados no âmbito da moda, a relação dela com a construção da identidade e autoestima desses sujeitos no contexto do evento.

A partir do Argumento, apresente um desenho de Tratamento descrevendo as situações do produto : (sequência das ações + entrevistas + arquivos + trilha sonora + voz over, por exemplo)

Episódio Piloto: Autoestima

A moda oferece uma maneira concreta de mostrar o que uma pessoa valoriza e quem ela é. Sua sensação de autenticidade e auto expressão pode ser reforçada escolhendo roupas que se alinham com personalidade, interesses e valores. É possível se sentir mais confiante vestindo roupas que consideramos atraentes e confortáveis e principalmente como modo de reafirmação do que somos. Durante as gravações, os entrevistados citaram a moda como parte importante na construção da autoestima. A partir desses relatos, o poder da moda enquanto instrumento de elevação da autoestima foi o foco principal do episódio.

Episódio 2 : Estereótipos racistas

Um histórico de discriminação racial e estereótipos racistas podem ser encontrados na indústria da moda. Alguns estilos de vestimenta são associados a comportamentos indesejados e criminosos, principalmente em relação a pessoas pretas. Além disso, é possível observar uma incorporação de modelos de minorias étnicas apenas para atender a um requisito de diversidade em vez de realmente representar a diversidade de origens e etnias. Essas questões serão analisadas ao longo desse episódio com o intuito de denunciar

atos de discriminação direcionados ao público da BDG.

Episódio 3: Consumindo moda

A moda hip-hop evoluiu ao longo dos anos e é uma forma de expressão cultural que reflete as influências do movimento hip-hop nas comunidades urbanas, sociais e políticas. Sabemos que esse consumo pode não ser muito acessível a determinados grupos sociais. Os integrantes das BDG podem buscar referências em grandes marcas, mas têm acesso a elas? Quais são os recursos utilizados pelos integrantes para construir seus estilos? Esse episódio trata de algumas dessas questões.

Episódio 4 (final): Fazemos nossa própria moda

Uma parte importante da autenticidade e da expressão pessoal no movimento hip-hop é criar a própria moda. A moda hip-hop é mais do que apenas vestir roupas, é uma maneira de transmitir uma mensagem, contar uma história e mostrar sua identidade. Esse episódio pretende contar as histórias sobre a construção e apresentação pessoal do que é moda. Trata-se de um retrato dos estilos genuínos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não poderia apresentar um episódio denominado autoestima sem dizer o quanto a produção deste produto foi importante para a elevação da minha própria autoestima. Quando cheguei na universidade em 2018, me senti totalmente deslocada. Após o primeiro período, acreditei que a academia não era algo para mim, não havia autoestima intelectual que me livrasse dos pensamentos de que eu não era capaz de concluir uma graduação, mas cá estou eu, escrevendo as últimas palavras do meu Trabalho de Conclusão de Curso e, como diria Jordânia Marçal, “isso é político também”.

A minha relação com a moda existe desde a infância, eu cresci buscando entender como podia aplicá-la no meu cotidiano, utilizando seus recursos para expressar o que não conseguia expor em palavras. Ao longo do trabalho busquei apresentar o evento a partir do meu olhar e dos relatos do público frequentador da BDG. Entrevistei mais personagens além daqueles que aparecem no produto porém, devido à precariedade dos equipamentos que me foram emprestados, os áudios ficaram com uma baixa qualidade e optei por não incluí-los neste episódio piloto. Durante o processo de gravação do evento, passei por inúmeros desafios, afinal, a moda faz parte do cotidiano de todos, mas em uma Batalha de Rap as pessoas não estão esperando questionamentos sobre a forma como se vestem e o que isso representa para elas. Sem dúvida não foi fácil chegar neste resultado, levando em consideração que eu produzi o roteiro, captei as imagens e editei o episódio sozinha. Tentei trabalhar com essa ideia de rapidez e movimento na edição dos episódios, com o intuito de chegar o mais perto o possível do que é a essência do evento.

Com a produção deste trabalho, foi possível concluir que o Hip-Hop é um movimento cultural carregado de referências, sobretudo, relacionados à raça e pertencimento e que a moda é um elemento fundamental na cultura. Documentar a BDG em primeiro lugar, me trouxe um sentimento de acolhimento. Todas as pessoas que participaram do episódio, direta ou indiretamente, foram solícitas e acolhedoras, me apoiaram e acreditaram MUITO no que eu estava fazendo, o que me levou a pensar que a expressão da moda é, também, uma forma de reconhecimento dos iguais. Além de marcar uma identidade social, estética, racial e econômica, ela pode nos aproximar de lugares e pessoas.

Por mais que a moda estivesse presente e em destaque naquele encontro, pouco se falava sobre. Mas a mudança de expressão e postura dos entrevistados quando a câmera estava ligada foi totalmente perceptível aos meus olhos. Notei que as pessoas querem muito falar sobre elas. Colocar jovens que geralmente estão à margem da sociedade em posição de

destaque, ao me ver, faz toda a diferença. Após entrevistas, pesquisas de campo e o apoio teórico, conclui-se que existem movimentos culturais que precisam ser destacados em várias camadas e muitas pessoas que precisam ser vistas e ouvidas. A série documental é um ótimo instrumento para que isso aconteça, por isso continuarei buscando por essas pessoas e falando de moda por aí.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo. Editora Atlas S/A, 1999.
- BASTOS, Angela Oliveira. **Periféricas maneiras de vestir: a juventude negra de periferia na construção de uma moda engajada**. Monografia (Graduação em História da Arte) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2021.
- BAUDRILLARD, J. **Para uma crítica da economia política do signo**. São Paulo: Edições Gallimard; Lisboa: Edições 70, 1972.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento** (1979). Porto Alegre: Editora ZOUK, 2013.
- CABELLO, Antonio Martín. **Dick Hebdige y el significado del estilo**. Una revisión crítica. La torre del Virrey, n. 11, 2012/1, 2012.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo, Ática, 1989.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Senac, 2006.
- DJONGA. **Bença**. Belo Horizonte: Ceia, 2019, (04').
- ENGEL, J. F.; WARSHAW, M. R.; KINNEAR, T. C. **Promotional strategy: managing the marketing communications process**. USA: ed. The Irwin series in marketing. 1991.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. Hip hop brasileiro. **Tribo urbana ou movimento social**. 2007. FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. Hip hop brasileiro. Tribo urbana ou movimento social, 2007.
- HOT E OREIA. **Estilo**. Belo Horizonte: Fantasmatic, 2019, (03').
- LEVY, S. J. **Symbols for Sale**. Harvard Business Review, July-August 1959
- MELO, Thálita Motta et al. **O mais profundo é a festa: cartografias dos jogos performativos e da carnavalização em Belo Horizonte após a Praia da Estação**. 2019.
- NICHOLS, Bill (2001). **Introduction to documentary**. Bloomington: Indiana University Press.
- OPROPRIO, Yago. **Tocaia**. São Paulo: Patricio Sid, 2023, (03').
- SILVA, Fernando Alberto. **Batalha das Gerais: a importância e o direito à ocupação dos espaços sociais em Mariana**. 2023. 59 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.